



**LAGOA
DE ÓBIDOS**
CENTRO DE INTERPRETAÇÃO

A BATEIRA DA LAGOA DE ÓBIDOS

de Maximino Alves Martins

Este texto foi cedido pelo seu autor ao Centro de Interpretação da Lagoa de Óbidos, para fins de divulgação, e integra o livro "As Minhas Memórias" (2019), uma memória escrita da passagem de Maximino Alves Martins pela vida, por terras e locais, tradições e modos de vida.

PROMOTOR



PARCEIROS



FINANCIAMENTO



A BATEIRA DA LAGOA DE ÓBIDOS

Maximino Alves Martins

maximinoalvesmartins@gmail.com

A *bateira* é o barco típico da Lagoa de Óbidos, que no entanto já não são tratadas como nos meus tempos de miúdo, nem locomovidas como então, uma vez que o são agora normalmente por motores fora de borda.

É um barco de fundo chato com cerca de 6/7 metros de comprimento, com a *popa* – ré – cortada e que tem por cima um pequeno estrado fixo, onde se colocava o homem que *tocava* a bateira à vara, ou com o *pé de cabra* – o pé de cabra era uma vara comprida de 5/6 metros que na parte de baixo tinha pregada um bocado de madeira saída para o lado como se fosse um pé e que servia para não deixar que a vara se enterrasse demasiado nos fundos lodosos da Lagoa, o que traria dificuldades acrescidas ao individuo que *tocava* a bateira, uma vez que ao fazer força, a vara se enterraria no lodo e quando a quisesse puxar para poder avançar, travaria a marcha da mesma.

Na parte da frente à *proa*, uma cobertura abaulada com cerca de 1,50 de comprimento, com uma cercadura em madeira à volta e dois pequenos orifícios que vazam para fora de bordo e servem para o escoamento da água com que se lava a parte de cima da proa, voltando a água novamente para dentro da Lagoa.

Debaixo desta cobertura se guardava alguma roupa quando o calor apertava, o garrafão e o farnel, não só de quem trabalhava na Lagoa, mas também daqueles que de quando em vez usavam a bateira para se dirigir à Foz do Arelho, para passar uns agradáveis momentos na praia, numa pausa do trabalho árduo do campo.

O *esqueleto* da bateira, a que se chama *cavernas* e onde são pregadas as tábuas que servem de fundo e de lado à própria bateira, são normalmente feitos a partir de ramos de pinheiro manso, porque as trancas dessa variedade permitem a adaptação para esse uso.

Normalmente começa-se a sua construção, colocando as cavernas de um lado e de outro e encontrando-se paralelamente, na zona que servirá posteriormente para suportar o fundo da bateira. Depois é pregada provisoriamente uma tábua nesse mesmo fundo e outra de cada lado das cavernas e é dada a forma inicial à bateira. Afinal não deve diferir muito da maneira usada para construir outros pequenos barcos, noutros locais do País que somos.

Vão seguidamente sendo pregadas com pregos zincados, todas as tábuas – em madeira de pinho bravo – até se completar a bateira. As frinchas entre as tábuas são depois vedadas com *estopa* e finalmente, tudo é impermeabilizado com *breu*.

O breu é um *subproduto* do petróleo e é vendido em forma de pequenas “*pedras pretas*” que são colocadas sobre o fogo a derreter, numa panela de ferro de três pés, e a *forma de saber se o breu estava no ponto* para o uso na bateira, era o seguinte: quem preparava o breu, deitava uma cuspidela para dentro da panela e mexia com um pau, se se ouvisse o ruído característico de matéria gorda a *frigor, estava no ponto* e podia ser aplicado com pincéis no costado e no fundo exteriores da bateira.

Depois a bateira era colocada dentro de água para que a madeira inchasse e ficasse impermeabilizada e pronta para flutuar.

Hoje já não se usa o breu, pois existem no mercado produtos que fazem a impermeabilização em condições melhores que o breu e também são usadas tintas modernas, mais apropriadas por terem menos toxicidade e poderem ser usadas na Lagoa, sem contribuir para a sua poluição.

Também o uso de motores na bateira, levou a pequenas alterações na ré, deixando de ter o pequeno estrado fixo para a colocação do homem que empurrava a bateira à vara, passando a ter um reforço onde se coloca o motor.

A bateira como não ficava perfeitamente estanque, acabava por meter alguma água, e para a retirar era usado o *bartidoiro*, que creio dever ser mais correctamente chamado de *vertedouro*, uma vez que servia para verter a água de dentro da Lagoa para a bateira para a lavar e depois retirar essa mesma água dos fundos da bateira, entre os espaços das cavernas e devolvê-la à Lagoa.

Presentemente são raras as bateiras que ainda possuem o referido *bartidoiro*, pois agora usam-se garrações de plástico de cinco litros cortados e adaptados, de maneira a poderem ser usados para o fim em causa.

O fundo da bateira tem normalmente uns estrados para facilitar a locomoção das pessoas dentro da mesma, estes estrados são amovíveis e o fundo não é completamente coberto, para possibilitar a extracção da água que corre de espaço para espaço, porque as cavernas têm dois pequenos cortes de cada lado virados para o fundo da bateira, para que a água possa verter entre elas.

As bateiras eram também movidas a remos, mais leves os que eram usados pelos *varinos* sentados num banco transversal, quando andavam na faina da pesca, para facilitar a colocação de redes e *galrichos*.

- Os *varinos* eram homens oriundos do norte de Portugal, que viviam em pequenas barracas feitas de caniço na beira da Lagoa, do lado do Nadadouro.

Ganhavam a vida praticando a pesca da enguia, que apanhavam através de *galrichos* e ainda de tainhas e outras variedades de peixe que apanhavam nas suas *redes de emalhar* ou de *arrasto*.

Depois vendiam ou trocavam por produtos da terra o peixe apanhado, nas outras aldeias limítrofes da Lagoa, revivendo a mais antiga forma de negociar entre os homens – trocando produto por produto.

Para usar a bateira como meio de transporte, eram usados também dois remos mais pesados e colocados dois bancos na bateira, onde se sentavam os remadores.

Para ancorar a bateira, era usada uma pedra envolvida por dois troncos flexíveis laterais e um na base, formando um triângulo com as extremidades salientes, que servia de ancora – e a que se dava o nome de *poita* .

Quando era necessário manter a bateira parada, lançava-se à água a *poita* e a bateira ficava mais ou menos imobilizada pela acção, não só pelo peso da pedra, mas também pela tracção exercida nos fundos da Lagoa pelos troncos salientes. Hoje já não são usadas as *poitas* rudimentares e em sua substituição, são usadas ancoras feitas de ferro.

Presentemente já existem muito poucas pessoas que consigam construir capazmente as bateiras, as quais pouco a pouco vão sendo substituídas por pequenas lanchas de fibra de vidro.

Ainda nos finais dos anos cinquenta do passado século vinte, as bateiras eram usadas para a apanha do *limo* (moliço) na Lagoa.

Esta prática perdeu-se de vez nos inícios dos anos sessenta, não só pelo facto de o limo começar a rarear na Lagoa pela acção do assoreamento e da crescente poluição e *eutrofização* das águas, mas também pela ausência dos homens que normalmente trabalhavam na agricultura e na Lagoa, uns porque emigraram à procura de melhores proventos e outros, os mais novos, por terem sido enviados para a guerra que ao tempo tinha começado nas distantes terras de África – Angola, Guiné e Moçambique, que eram então colónias portuguesas.

Nos finais dos anos quarenta do século vinte, começaram a aparecer na Lagoa barcos a motor, mais pequenos e leves do que a tradicional bateira, a que as pessoas chamavam de *gasolinas*, devido ao combustível que usavam.

O aparecimento destes barcos com motor, veio alterar completamente o equilíbrio das espécies cinegéticas, muito em especial dos patos bravos e galeirões.

Nesse tempo existiam ainda bandos numerosos dessas duas espécies, que foram entretanto quase dizimadas.

Caçadas na Lagoa sempre se fizeram, mas anteriormente as bateiras eram levadas a remos ou à vara e isso, permitia que quando os caçadores faziam fogo sobre os patos ou galeirões, os mesmo levantassem voo e fugissem para o outro lado da Lagoa, às vezes numa distância de vários quilómetros.

O aparecimento dos referidos barcos a motor por serem mais rápidos, acabou por ter efeitos altamente nocivos sobre as espécies referidas.

Com efeito, nas caçadas tradicionais quando acontecia chegarem os caçadores junto dos bandos, estes já estavam suficientemente descansados para efectuarem novo voo e fugir do chumbo das espingardas, porém, com os *gasolinas* tudo se alterou, pois as aves deixaram de poder descansar o suficiente e as que não fugiam da Lagoa, eram praticamente dizimadas.

Contava a avó Patrocínia, que quando havia essas caçadas, não raro os galeirões já cansados, fugiam muitas vezes para terra e escondiam a cabeça dentro das moitas de junco, deixando o resto do corpo de fora e assim escondidos, *pensavam* eles, acabavam por ser apanhados à mão pelas pessoas que nesse tempo guardavam o gado no *juncal* que existe junto ao Arelho, na zona das antigas salinas.

Actualmente, sobretudo as várias espécies de patos, voltaram novamente a povoar profusamente a Lagoa pelo facto de ter sido proibida a sua caça dentro dos limites que circundam a mesma, o que nos permite com muito gosto, podermos dizer que nem tudo tem piorado, mas esse repovoamento tem sido porém mais difícil, em relação aos galeirões.

Também já há alguns anos, passaram a aparecer na Lagoa de Óbidos bandos cada vez mais numerosos de flamingos, o que certamente se deverá a alterações nos *habitats* tradicionais dessas aves pernaltas, que encontram na Lagoa um bom refúgio e certamente também comida.

SOBRE MAXIMINO ALVES MARTINS

Maximino Martins nasceu no dia 2 de março de 1943, no Arelho, freguesia de Santa Maria do concelho de Óbidos.

Com 12 anos de idade ingressou no Seminário do Verbo Divino em Fátima e posteriormente no Seminário de Santarém, onde esteve por dois anos. Estudou na Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha, onde frequentou e terminou o Curso de Aperfeiçoamento do Comércio.

Foi funcionário da Direcção-Geral do Tesouro nos serviços locais, tendo trabalhado na Tesouraria da Fazenda Publica de Óbidos e de Alpiarça.

Foi ordenado Diácono da Igreja Católica pelo Cardeal Patriarca Dom José Policarpo, na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, no dia 27 de junho de 2004, tendo sido colocado nas Paróquias do concelho de Óbidos.

Conheça a ligação de Maximino Alves Martins à Lagoa de Óbidos em <https://memoriaparatodos.pt/portfolio/maximino-alves-martins/>

SOBRE O PROJETO MEMÓRIAS DA LAGOA DE ÓBIDOS

O projeto Memórias da Lagoa de Óbidos, enquadrado no programa Memória para Todos, foi promovido pelo Instituto de História Contemporânea / Centro República (NOVA FCSH) e pela associação KEEP, em parceria com o projeto “Centro de Interpretação para a Lagoa de Óbidos”, do Orçamento Participativo Portugal (OPP), que, durante a fase de levantamento de informação local, identificou saberes, modos de fazer, formas de expressão, lendas e episódios que marcaram a história da Lagoa de Óbidos e das suas gentes.

Este projeto contou com a colaboração das instituições e de todos os cidadãos que quiseram partilhar as suas memórias, fotografias, objetos e outros testemunhos da Lagoa de Óbidos, património de todos nós.